

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A GEOGRAFIA É NOSSO DIA-A-DIA

Nestor André Kaercher

Boletim Gaúcho de Geografia, 21: 109-116, ago., 1996.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38639/26361>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - ago., 1996

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A GEOGRAFIA É O NOSSO DIA-A-DIA

Nestor André Kaercher *

Introdução – A SMED/PA almeja a *ESCOLA CIDADÃ* que se baseia em alguns princípios gerais e de difícil construção: *a democratização das relações e informações entre os diversos segmentos escolares* (docentes, discentes, funcionários, pais), *a educação popular* (que respeite e parta do conhecimento da comunidade onde se insere a escola e não a simples “doação” do conhecimento erudito/formal para esta comunidade), *a interdisciplinaridade* (que procura romper com a hierarquização do saber e sua excessiva compartimentação), *a avaliação emancipatória* (que procura ver a avaliação como um processo contínuo de crescimento de todos e não só um sistema de recompensa-punição do aluno), etc.

Geografia: ultrapassar a própria gênese da palavra – O cerne desta ciência, contraditoriamente a própria gênese da palavra, não é, no nosso ponto de vista, nem a Terra (= Geo) nem tampouco a descrição (= grafia) mas sim o ESPAÇO GEOGRÁFICO entendido como aquele espaço fruto do trabalho humano na necessária e perpétua luta dos seres humanos pela sobrevivência. Nessa luta ele usa, destrói/constrói/modifica a si e a natureza. O HOMEM FAZ GEOGRAFIA À MEDIDA QUE SE FAZ HUMANO, SER SOCIAL.

Fica claro que a relação sociedade-natureza é indissociável/eterna (logo não há porque falar em Geografia física se contrapondo a Geografia humana). A prioridade será dada em entender *como e porque os seres humanos modificam os espaços em que habitam* conforme as relações sociais que estabelecem entre si. (entender a dinâmica social é fundamental pois é a partir dela que se constroem as paisagens). E não existe relação que se dê fora do espaço, que prescindia da natureza.

Resumindo: a Geografia existe desde sempre e nós a fazemos diariamente. Romper então com aquela visão de que Geografia é algo que só veremos em aulas de Geografia.

Mas, como traduzir essa concepção de mundo em nossas aulas?

Primeiramente não sobrecarregando o aluno com milhões de informações que são inutilmente decoradas. Nosso problema não são os conteúdos (sua falta ou seu excesso). Nem eles trazem, portanto, as soluções. A forma como trabalhamos e cons-

truímos o conhecimento com os alunos é o cerne de uma educação mais democrática e comprometida na luta contra a repetência e a exclusão social. O programa é feito por nós professores juntamente com a comunidade escolar. Não pelo livro didático. Ele é somente um auxiliar. Mais importante do que listar muitos conteúdos é entender o fio condutor que constrói as paisagens: os homens na sua luta pela sobrevivência. Temos intencionalidades e somos divididos em classes, raças, gêneros, etc com interesses antagônicos. Daí surgem os inevitáveis conflitos. O espaço reflete isso e, por sua vez, condiciona a nossa própria intencionalidade ¹.

Algumas preocupações básicas – Partimos do pressuposto que a Geografia é um ramo do conhecimento que, tal qual a matemática, a língua materna, a história, etc tem uma linguagem específica, própria e como tal é necessário ALFABETIZAR O ALUNO EM GEOGRAFIA para que ele não só se aproprie do vocabulário específico desta área de conhecimento mas, sobretudo se capacite para a LEITURA-ENTENDIMENTO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO próximo ou distante. Ou seja, a simples vivência no mundo – seja no país, no estado ou na cidade – não nos transforma em entendedores críticos deste mundo. Tal qual saber ler letras e números não nos transforma em cidadãos críticos. Desde já cabe destacar que não propomos uma “Geografia crítica”. Rotular algo antecipadamente não garante sua eficácia.

Como espaço entendemos basicamente – não exclusivamente – o espaço humanizado e, no geral, urbanizado. Nossa preocupação inicial é sobretudo com o espaço vizinho, ou seja, seu ESPAÇO VIVIDO (casa, escola, bairro, cidade) sem esquecer do contexto maior país-mundo. Isto não significa necessariamente trabalhar na sequência rígida espaço próximo-espaço distante (tipo casa, bairro, cidade, estado, país, continente) pois não raro decisões que afetam nosso espaço imediato são tomadas em outros continentes. A gradação perto-longe pode ser um ponto de partida mas não pode virar camisa de força.

Uma dificuldade, entre tantas outras: como construir conceitos/noções básicas do vocabulário específico da Geografia sem recorrer a simples memorização? Quais são essas noções básicas? Como evitar a memorização destas noções? Afinal, uma das características que se mantêm na Geografia é a memorização, justamente uma das maiores chateações dos alunos.

Com isso posto já é possível perceber que estamos questionando certos temas típicos dos livros didáticos (coordenadas e fusos na quinta série, Brasil só na sexta, América só na sétima, “Resto do Mundo” na oitava; etc). A imprensa traz diariamente muitos assuntos que podem originar aulas mais participativas. Até porque é preciso estimular uma leitura menos ingênua das matérias dos meios de comunicação, tamanho o grau de manipulação e distorção que não raro, elas trazem. A Geografia tem papel fundamental nessa leitura mais crítica (dos meios de comunicação) pois tem nos assuntos do mundo (em suas diversas escalas) a sua matéria-prima.

Como superar a dicotomia homem x natureza? Cremos que o trabalho humano seja uma categoria fundamental. Afinal é ele que transforma a natureza em coisas

úteis e necessárias a nossa vida em sociedade. É nessa luta diária pela sobrevivência que vamos alterando, destruindo, construindo o espaço geográfico que habitamos. Não cremos que seja necessário abrir as tradicionais gavetas como “hidrografia”, “relevo”, “vegetação” ou mesmo “população”, “economia”, etc.

Uma relação mais direta e constante deve ser feita – mas não só – com a história, não como sinônimo de dar datas mas sim mostrando que os espaços tem uma gênese, são uma construção temporal, um processo. Seria possível falarmos que Geografia é a “história do espaço” e que a História é a “Geografia do tempo” ou o “tempo espacializado”!

Nossa proposta: alguns pilares básicos – As reflexões até aqui feitas não são ilações individuais deste autor. Cabe destacar que a espinha dorsal, o norte do que colocamos, que fique bem claro, é baseada na coleção “Geografia – ciência do espaço” (quatro volumes, editora Atual, SP, 1993) de autoria de Diamantino Pereira, Douglas Santos e Marcos de Carvalho.²

1) A geografia tem como objetivo compreender a vida de cada um de nós desvendando os sentidos, os porquês das paisagens em que vivemos e vemos serem como são. *Entender a lógica que está inserida em cada paisagem.* Como ela foi construída? Por que ela é assim? Romper com a simples visualização conformista das paisagens.

2) Pressuposto: em nível de primeiro grau é necessário que partamos das paisagens visíveis e não de conceitos (isso cabe mais ao segundo grau). Ou seja, os conceitos não devem anteceder aos conteúdos. Estes devem propiciar que os alunos construam os conceitos. Por exemplo: antes de definir “democracia” ou “relevo” ou “modo de produção”³ é importante construir no dia a dia relações cotidianas com os alunos e propiciar-lhes condições para que entendam a importância destas – ou de outras – idéias para a Geografia.

3) A questão ambiental não deve ser vista como um discurso saudosista do tipo “Antigamente o mundo era melhor porque mais limpo e calmo”. Devemos ver no desequilíbrio ambiental não só um desequilíbrio homem-natureza⁴ mas, sobretudo, um desequilíbrio entre os seres humanos, isto é, nem todos saem perdendo com essa destruição dos recursos naturais. Há uma minoria que obtém lucro com o descaso/destruição do meio ambiente. Há que se atentar ainda para, por exemplo, as relações subumanas em que muitos trabalham e/ou vivem. Isso também é um desequilíbrio do homem com a natureza e com os seus semelhantes. Há que se ver também o processo histórico que provoca um aumento da destruição da natureza: a *industrialização*, ou seja, não se pode fazer um discurso linear de que “industrialização é sempre sinônimo de progresso”. O mesmo vale para o cuidado de não se passar uma visão improvável: “se os homens não destruíssem a natureza, seria melhor...” Utopia como possibilidade a construir é positiva, como mero sonho ou choro é dispensável.

4) Intimamente ligado ao anterior: a existência de classes sociais em qualquer sociedade (não somos todos iguais como uma população de animais) que têm interesses distintos e, por isso, entram em conflitos. Exemplo: ao invés de priorizarmos os produtos agrícolas plantados devemos falar dos sujeitos que produzem no campo. *Impossível não relacionar conflitos com desigualdades sociais.* Daí perceberemos que os

interesses entre os sem terra e os latifundiários não são os mesmos. É impossível entender os espaços geográficos sem perceber o conflito das sociedades modernas.

Cuide-se, no entanto, para não confundirmos conflito com “banditismo”, mera violência, sinônimo de página policial. Esta é uma faceta com componentes sociais, sem dúvida, mas o que nos interessa aqui são os setores, as classes, os grupos, o coletivo distintos da população que entram em conflito. A violência policial é muito mais restrita, não chega a ser algo organizado por um grupo como resposta a uma carência social (talvez, como exceção, tenhamos o crime organizado do Rio de Janeiro).

5) Uma necessidade constante: a visualização-leitura de mapas. É necessário sua utilização constante para que os alunos possam ver do que falamos. Explorar os mapas, bem como fotos e imagens – seja de TV ou de revistas – é uma matéria prima fundamental para o estudo de Geografia. Levá-los para sala, expô-los na biblioteca sem deixá-los enrolados nas estantes. Mostrar que se trata de uma linguagem muito específica que deve ser bem elucidada para que se possa retirar o máximo de informações deste instrumento didático.

6) É preciso falar dos processos que dão origem as paisagens que vemos. A existência de um país chamado Brasil e a sua própria condição de “subdesenvolvido” não pode ser dado como algo estático/imutável que não foi uma construção produzida pelos próprios homens, sejam eles moradores ou não deste país.

“Em outras palavras, para poder entender qualquer fenômeno geográfico, como esse que acabamos de analisar [a escravidão e o racismo] é necessário compreender os fatores que o geraram. E, muitas vezes, eles se encontram nas relações que se estabelecem internacionalmente, em fronteira de abrangência mundial”.

7) Comparar constantemente as DIFERENÇAS ENTRE OS LOCAIS. Sejam diferenças naturais, econômicas ou ideológicas. Neste sentido nem sempre é de grande valia procurar fazer homogeneizações, padronizações, classificações de espaços. Pelo contrário, construir com os alunos a idéia de que as diferenças é que geram, muitas vezes, mudanças no espaço geográficos, constroem fronteiras⁵. Por outro lado, muitas diferenças (culturais, étnicas, etc) são riquezas que nos enriquecem e não como uma simples ameaça aos nossos valores e padrões tido e havidos como os mais sensatos e coerentes.

Como dizem os autores da coleção citada (vol. 4, pg. 124):

Para resumir, podemos afirmar que nada impede que façamos um estudo geográfico tanto de nossa casa, como de todo o mundo. O que importa, uma vez que constatamos que cada lugar geográfico se diferencia dos demais, é ter sempre em conta que o nosso planeta não é uma realidade homogênea, mas, sim, a combinação de diferenças de todos os tipos, que se expressam em todas as escalas. Estudar a geografia de uma pequena localidade é, repetimos, entendê-la em suas particularidades, inserindo-a na realidade do mundo como um todo, por outro lado, estudar a geografia do mundo é procurar constantemente as maneiras pelas quais o diferentes lugares se combinam.

8) A geografia é feita no dia a dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura ou através das decisões governamentais ou dos grandes grupos econômicos (empresas transnacionais).

9) Uma pergunta fundamental: “Como são construídas as fronteiras”? Ajudar a construir com os alunos a idéia de que as fronteiras são uma construção humana e que, portanto, são provisórias, repletas de interesses e conflitos. Fronteiras não são só entre unidades administrativas. Uma caixa de supermercado é uma fronteira intransponível para quem não possui dinheiro para comprar.

10) Favelas, cortiços, vilas, enfim, tudo o que vemos, são manifestações geográficas, territoriais da segregação que é econômica, social. Priorizar o social é pois absolutamente fundamental para entender o espaço.

11) Atentar contra a simplificação de generalizações que muitas vezes são estereótipos – quando não preconceitos – do que pouco conhecemos. Toda generalização pode simplificar uma realidade que sempre é complexa. Exercitar na prática o ditado que diz que as “aparências enganam”. Os contrastes são grandes mesmo dentro de um mesmo país que dizer de um continente? Nas palavras de Pereira et alii (vol. 3, pg. 94):

“Em suma, identificar um país como sendo africano não indica, a princípio, suas características, sejam elas físicas, culturais ou econômicas. A comprovada diversidade do continente não autoriza a freqüente associação que se faz entre África, negros, selva e miséria. É apenas mais um estereótipo”.

12) Cada lugar corresponde a certas regras e certos comportamentos. Por exemplo: uma escola permite um comportamento diferente de uma igreja. São espaços distintos. E até mesmo um espaço único permite diferentes regras conforme o horário: uma sala de aula em prova ou durante o recreio.

Enfim, a Geografia precisa procurar entender as paisagens não só pela aparência. Precisa desvendar os significados dos lugares. Os lugares apresentam uma hierarquia de valores e sensações, nem sempre democráticas ou agradáveis. Exemplos: “Vá já para o seu lugar”. Quando percebemos que estamos perdidos temos uma sensação de insegurança pois não reconhecemos os lugares mesmo que eles possuam prédios, avenidas, veículos e pessoas como nossa cidade natal. Por que o medo, então? Porque mudou a *relação* com o espaço. Cremos, portanto, que devemos colocar como central para nossos alunos a seguinte questão: COMO NOS APROPRIAMOS DOS LUGARES E OS TRANSFORMAMOS?

Concluindo muito provisoriamente – Cada sociedade produz uma geografia de acordo com seu objetivos. Mais importante do que localizar é relacionar os lugares e as sociedades que ali habitam sempre tendo em mente a globalização da sociedade mundial que cada vez mais se integra, ainda que com diferentes poderes e direitos. (EUA e Etiópia se integram mas não tem os mesmos poderes).

Se nossos alunos puderem ter na Geografia um instrumento útil de leitura do mundo estaremos ajudando a construir não só uma escola como uma sociedade mais crítica e indignada contra toda e qualquer miséria humana.

ANEXO: MATERIAL DO CURSO GEOGRAFIA NO 1º E 2º GRAU

As duas músicas abaixo são do CD “Calango” do Skank (1994):

<u>Esmola (Samuel Rosa e Chico Amaral)</u>	<u>A cerca (S. Rosa, C. Amaral e F. Furtado)</u>
Uma esmola pelo amor de Deus Uma esmola, meu, por caridade Uma esmola pro ceguinho, pro menino Em toda esquina tem gente só pedindo	Fazendo cerca na Fazenda do Rosário Resto de toco velho mandado pelo vigário
Uma esmola pro desempregado Uma esmolinha pro preto pobre doente Uma esmola pro que resta do Brasil Pro mendigo, pro indigente	Meu camarada, eu moro aqui do lado O terreno que tu cerca já tá cercado
Ele que pede, eu que dou, ele só pede O ano é mil novecentos e noventa e tal Eu tô cansado de dar esmola Qualquer lugar que eu passe é isso agora	Não entendi a assertiva do compadre Se é lei chama o doutor Se é milagre chama o padre
Eu tô cansado, meu bom, de dar esmola Essa quota miserável da avareza Se o país não for para cada um Pode estar certo Não vai ser pra nenhum	É muito simples, tu veja ali na frente Tá vendo o laranjal, minha cerca passa rente
Não vai não, não vai não, não vai não No hospital, no restaurante, No sinal, no Morumbi No Mário Filho, no Mineirão	Que dia quente, tem feito muito calor Daqui há pouco, meu vizinho vê um disco voador
Menino me vê, começa logo a pedir Me dá, me dá, me dá um dinheiro aí!	Se visse ele pedia para descer Quem sabe se um marciano conseguia te esclarecer
	O meu compadre, cê tá vendo assombração Cê num é advogado, cê num é tabelião
	Nem por isso eu deixei de fazer o justo Se o sujeito enxerga torto O direito dá um susto
	Tu cerca a terra, tu cerca até o mundo Então cerca tua filha, toda noite aqui no fundo
	Pois te conto um segredo Cê não conta pra ninguém Andam vendo tua mulher Com o dono do armazém
	Maledicência, eu já tô acostumado Até dizem que o senhor é incapacitado Eu tomo chuva, tomo ar puro de manhã Minha saúde é de ferro, pergunte para sua irmã
	Nunca se está a salvo da falação alheia Eis que um tipo parvo vem falar na minha orelha
	Martelo prego, torníquete com serrote Acerca de homem cego, quem tem vista dá o mote
	Terequitem, ô pra cá você não vem Terequitem, que eu conserto a ti também (Te prego um prego também)

Algumas questões para pensarmos juntos – Escreva no verso, por favor, ao menos uma idéia base para enriquecer a discussão que deve ser entre nós todos.

- 1) Por que a música “Esmola” tem a ver com Geografia? Idem para “A cerca”.
- 2) Em que séries estas músicas poderiam ser trabalhadas? Por quê?
- 3) A Geografia estuda “População” (mundial, brasileira, gaúcha, passofundense, etc). Que contribuição “Esmola” traz para tornar este assunto mais real, mais politizado, mais próximo do aluno?
- 4) É possível fazer uma leitura “progressista” (= questionadora do “status quo”) e/ou uma leitura conservadora (= reacionária) desta “Esmola”? Por quê?
- 5) Na “Cerca” quais são as pessoas/instituições envolvidas no enrosco, na briga?
- 6) Quando e como se poderia trabalhar “A cerca” em aula? Além da disputa pela terra que temas mais esta música mostra serem indissociáveis da Geografia?
- 7) Na 2ª parte da música discute-se a sexualidade/masculinidade dos envolvidos. Tem isso a ver com a Geografia? Como? Em que momento do conteúdo?

O senso comum (nosso, dos alunos, dos meio de comunicação) devem ser sempre aceitos como diz o ditado que “A voz do povo é a voz de Deus”?

- 8) Que outro ponto mais você gostaria de salientar ou retrucar como importantes nessas músicas?

Observação – Meu objetivo aqui, não é propor simplesmente trabalhar com música em sala de aula. É chamar a atenção que as músicas ouvidas cotidianamente por nós e nossos alunos trazem a questão social/espacial em suas letras e que podemos começar alguns assuntos novos com este “chamariz”. Desperta mais a atenção do que iniciarmos nossa aula, ainda que bem intencionada e de cunho progressista, com aulas expositivas abstratas e distantes do mundo do aluno. *A música não substitui a problematização/reflexão/sistematização do professor*. Só a inicia. A nossa relação com o aluno continuará sendo sempre o centro do processo pedagógico. O objetivo maior não é (só) tornar a aula mais “legal” (será que esse é um objetivo a ser perseguido por nós professores?) mas sim, a partir das letras, questionar o que o aluno já sabe a fim de superar visões de mundo conformistas, conservadoras ou ligadas somente ao senso comum.

Que grupos, cantores mais poderemos usar em nossas aulas? Lembrei-me do Legião Urbana, do Gabriel Pensador, dos Titãs... Mas são tantos outros!

Que outros materiais mais podemos usar para mostrar que a Geografia não está somente nas aulas de Geografia e com os professores desta disciplina?

Como poderemos trabalhar com as notícias de jornais? Revistas? (Que eles nem lêem, no geral!).

Enfim, tem sentido ainda todo nosso trabalho de professores, de educadores? Ou falamos cada vez mais para as paredes?

¹ Prédios e estradas são obra humana (intencionalidade) mas, uma vez construídas, não são mais simples objetos da paisagem. Induzem-nos a comportamentos, requerem respeito a regras. Não colocamos a geladeira em qualquer peça da casa e nem os carros andam pelas calçadas.

² A escolha é proposital por se tratar de uma coleção muito interessante no sentido de romper com uma certa cristalização que existe nos livros didáticos de Geografia. Aos que não tem a coleção basta dizer: apareçam (ou liguem) para a editora. Receberão a coleção. Aliás, várias editoras nos oferecem gratuitamente uma série de livros didáticos e paradidáticos. É só mostrar interesse. Ainda que nossos alunos não adotem livros, ficamos com as novidades do mercado e temos material de consulta para a elaboração de aulas.

³ Entender o papel do Modo de Produção Capitalista é fundamental para a Geografia porque ele não produz apenas mercadorias (leia-se não só a natureza como nós próprios) mas produz também os espaços e nossas idéias.

⁴ Desculpe o costume (machista) de linguagem. Onde se lê “homem” leia-se seres humanos.

⁵ A religião no Oriente Médio cria fronteiras, as diferenças sociais criam espaços diferentes. As grades, cercas e muros são fronteiras geográficas muito importantes.

* Assessor de Geografia no Multidisciplinar da SMED/PMPA e professor do Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA) da PMPA / Este texto é parte introdutória da reflexão feita na assessoria junto a E. M. Aramy Silva em 1995. O original (inédito) tem cerca de 30 páginas e se encontra no Multidisciplinar/SMED/PMPA. Agradeço ao colega João Machado.